

JOSÉ ALBANO

José Sombra

“Venho tratar-vos da personalidade de José Albano, um grande poeta que ainda não foi devidamente apreciado e julgado pela crítica nacional, e que vive tão despreocupado da fama literária quão desdenhoso das formas communs da vida quotidiana.

A luta ordinária da vida, que tanto empolga a nós outros, é-lhe apenas objecto de satyras e de commentarios philosophicos... A glória literaria... despreza-a! Intelligencia alimentada pela cultura classica, na qual encontrou os modelos de sua inspiração, desconhece e desentende a alma contemporanea...

Não vou fazer-vos um estudo critico de sua obra, nem a psychologia de sua forte e original mentalidade. Nesta assembléa de poetas e escriptores, em que o prestígio de D. Henriqueta Galeno reúne o escol de nossas letras, seria uma impertinencia minha se quizesse vir fazer critica literaria. O rispido moralista do super-homem, o desventurado e genial Nietzsche, já me alertara sobre esta verdade: a classe literaria é orgulhosa e exclusiva!...

Não penetrarei na seara alheia... Apenas, atravez do meu impressionismo particular, quero prestar o tributo de minha admiração ao grande vate cearense, que acaba de publicar este formoso e singular poema que é a **Comedia Angelica**.

*

* *

Conheci José Albano já ha longos annos, quando ainda eu cursava as aulas do Lyceu. Chegara elle da Europa, onde fizera estudos de humanidades. Era um lindo rapaz, de physio-

nomia doce e sonhadora, um placido semblante a Lamartine, ainda não perturbado pelo uso do monóculo, já possuindo uma cabeleira em início e um ligeiro buço que mal faria advinhar as longas barbas que hoje ostenta, e lhe dão um aspecto leonino de pope russo.

Costumava sobraçar livros de versos, sobretudo os de Musset, cujas produções declamava com ardor, e que mais tarde seriam esquecidas para nunca mais serem lembradas. Publicou, então, alguns sonetos, ainda sob uma forma imperfeita e rude, mas em que transparecia essa primeira influencia e traduziam as primeiras ondas emocionaes que lhe agitavam o coração.

Alguns annos mais tarde encontrámo-nos novamente, mas já no Rio, onde vivemos sob o mesmo tecto.

Sua cultura litteraria se enriquecera extraordinariamente. Lia com afinco os lyricos allemães, hespanhoes, inglezes e italianos, mas, sobretudo se apaixonava por Camões, que lhe era a propria visão da poesia:

Co'uma espada de prata e lyra de ouro,
Clarissimo Camoens, me appareceste
No cimo do Parnaso alcantilado;
E eu, pôsto num elêvo duradouro,
Gravei na mente essa visam celeste
Que em númeroso verso aqui traslado — (1)

Do culto ao immortal epico lusitano advieram-lhe o gosto e o ardor pela pureza do vernaculo, na sua antiga magestade e singeleza, tal como já aconselhava o conceituoso e facundo Francisco Manoel:

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos e soltem-se
As correntes da antiga san linguagem.

São desse tempo a **Cançam a Camoens** e esta primorosa **Ode á lingua Portugueza**, onde assim se exaltam as bellezas do nosso idioma:

Lingua minha sulcisona e canora,
Em que mel com aroma se mistura,
Agora leda, lastimosa agora,
Mas nam isenta nunca de brandura:
Lingua do gram Camoens, a que elle ensina
A symphonia rara
Que em tudo se compara — co'a Latina. (2)

E na qual o **seu Amor fallou de Amores**, animando-o a dizer:

E espalho accentos nunca ouvidos
De magoas e de gosos,
Murmurios amorosos — e gemidos. (3)

Porque só ella e nenhuma outra poderá traduzir os anseios de sua alma doente:

E nam quero um som alto e retumbante
Para cantar de Amor ao mundo attento,
Pois não ha lingua que de amor não cante
Mas nenhuma traduz o meu tormento;
Nenhuma se conhece em que eu traslade,
Senam em ti somente, (4)
Do coração doente — a Saüdade.

Lingua da saudade, das suaves melancolias, lingua do amor triste e sentimental, o portuguez é, por excellencia, um maravilhoso e inegalavel instrumento para as effesões lyricas. Poeta do amor, da saudade e da tristeza, José Albano é, antes de tudo, um grande poeta lyrico, dos maiores do Brazil.

A suavidade, a graça ingenua, a limpida harmonia de suas redondilhas encantam aos ouvidos menos afeitos á linguagem poetica, pois vibram as notas mais delicadas da ternura humana.

Quem não sentirá a candura, a delicadeza e a doce melancolia destes versos:

Vilancete
Com lembranças de meu bem
Sosinho estive a chorar
Entre o sol-posto e lüar.

Voltas

Na hora mais triste que eu sei
Das horas que vem e vam
Saudosamente espalhei
Suspiros do coração;
Pois que me nascia, entam,
Uma magua singular
Entre o sol-posto e o lüar.

E eu dizia: “O sol morreu,
“Nam me vê gemendo assim,
“A lua occulta no céu
“Nam sente pena de mim,
“O dia teve o seu fim
“E a noute está por chegar
“Entre o sol-posto e o lüar.

“Já chorei muito a soffrer
“Saudades longe de ti,
“Porém nunca em desprazer
“Senti o que sinto aqui!”
E desta arte conheci
Quanto é mais triste — chorar
Entre o sol-posto e o lüar.

Estão ahí todos os característicos da poesia eterna e universal: emoção, simplicidade e harmonia.

Ouvi ainda esta deliciosa **esparsa** em que é tão gracioso e natural o jogo das antitheses:

Colhes rosas no jardim
E desfolhas malmequeres,
Porém se bem me quizeres,
Olha e tem pena de mim:
Quando em mim os olhos poens
Vês que em tormentos insanos
Ando a colher desenganos
E a desfolhar illusões.

José Albano é um triste como todos os predestinados, como todos os grandes sonhadores. Lendo-se as suas poesias comprehende-se o sentido da sentença de Novalis, o mystico allemão: — A vida é uma doença da alma. Realmente, para o nosso poeta — a vida é uma doença da alma, e o mundo é uma **citá dolente**. Uma expressão que lhe é cara e que constantemente lhe sáe da penna é **alma doente, coração doente**. Mas a sua tristeza não é amarga nem cruel — é uma fonte crystalina de ternura e amor. Não reveste o scepticismo e a ironia de Byron; não é a dolorosa **infelicitá** de Leopardi, em cujas poesias ha crispações de desespero e idealisa-se a **gentilleza del morir**; não é o pessimismo e o sarcasmo de Bartrina, ou a violencia do epigramma em que se expande o estro ardente de Heine. Não é a infelicidade no amor, que explica a tristeza do poeta cearense, como foi o caso do seu mestre amado, o apaixonado de Nathercia, **sempre adorada e nunca pessuida** (5); não é a ambição contrariada nem o genio da independencia, como foi o caso do cantor do **Child Harold**; nem é, tampouco, a desgraça da vida, pois elle não dirá o que **Daudet** disse de si proprio: **La souffrance chez moi, c'est un oiseau qui si pose partout, tantô-ci, tantô-là**.

Elle é triste porque a tristeza é o proprio fundo de sua psychologia, e nunca a sua musa é tão inspirada como quando traduz esse seu ingenito estado moral.

A's vezes é uma nota energica:

Em toda parte onde eu ando
Ouço este ruido infindo
São as tristezas entrando
E as alegrias sahindo.

Outras vezes é uma dolorida confissão:

A dor que ha dentro de nós,
A's vezes é tam atroz,
Que no supplicio cruel
A bocca se enche de fel
E a garganta perde a voz.

Seu coração é um relógio em que as horas são soffrimentos:

O' coração, quando choras,
Bate com arquejos lentos
Marca o tempo não por horas
Mas sim por meus soffrimentos.

Algumas vezes é apenas um gemido flebil:

Dum brando goso nasce um mal cruento
E dum tormento outro maior tormento,
E assim de dôr em dôr, de dia em dia
Me vae passando a vida fugidia.

E' sempre assim o nosso poeta; mesmo nas suas mais lancinantes aponias é harmonioso e delicado, sem prejuizo da energia de expressão. Creio não haver muita coisa nas letras nacionaes que se compare ás perolas que vos acabo de citar.

Elas nos fazem dar razão ao conceito de Anatole France: **L'ennui des poetes est un ennui doré, ne les plaignez pas trop; ceúx qui chantent savent charmer leur desesper; il n'est elle magie qui la magie des mots. Les poètes se consolent comme les enfans, avec les images.**

A tristeza de José Albano é uma inelutavel tendencia morbida do seu espirito. Elle pertence a essa numerosa e illustre familia moral dos Amiel, dos Senancourts, dos Shelley, dos Maurice de Guérin, dos Rousseau, nos quaes a um superior idealismo juntava-se a mais invencível melancolia.

Em José Albano essa melancolia embebe-se de profundo mysticismo. Elle poderia figurar na galeria dos mysticos que Dante collocou no seu Paraíso, lado a lado de S. Anselmo e S. Boaventura. Seu espirito inebriou-se do ineffavel, do divino. O que elle busca não é o fragil amor humano, é o amor supremo, a gloria que aspira, é a gloria de Deus.

Eis como elle se exprime, em maravilhoso soneto:

Si amar é procurar a coisa amada
E unir duas vontades num desejo,
Si é resentir um mal tão bemfazejo
Que, quanto mais tortura, mais agrada;

Si amar é soffrer tudo por um nada
E a um tempo achar que é pouco e que é sobejo,
Já claramente agora entendo e vejo
Que não ha quem de amar me dissuada.

Doce inquietação e doce engano,
Doce padecimento e desatino
De que não me envergonho, antes me ufano.

Comigo quantas vezes imagino:
Si é tão doce na terra o amor humano,
Que não será no Céu o amor divino?!

Uma amostra mais eloquente e fervorosa é este outro soneto, em que se sente o ardor mystico de uma Sta. Thereza:

Mata-me, puro Amor, mais docemente,
Para que eu sinta as dores que sentiste
Naquelle dia tenebroso e triste
De supplicio implacavel e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente
E de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saúdoso não resiste
E o coração cançado já consente

E como te ameí sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo.

E, abrindo as azas para o ethereo abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te sigo.

Na **Comedia Angelica**, que acaba de publicar, elle accentuou mais profundamente a religiozidade da sua inspiração. E' um poema de concepção estrictamente theologica, em que o poeta idealisa o primeiro capitulo da Creação. E' a visão paradisiaca do primeiro amor. Apesar de sua contextura dramatica é um lindo poema lyrico, em que ha versos de rara belleza.

Cito-vos, ao acaso, este epithalamio:

Como é formosa a creatura nova
Que o divino poder revela e prova,
Tão ingénua, innocente, tenra e branca,
Do seio saüdosos ais arranca
E, em amoroso fogo toda accesa,
Soffre, e ainda não sabe o que é tristeza.
Qual sol dourado sobre clara neve
Na fronte os crespos fios cáem de leve.
Os olhos donde a luz raios envia
Espalham mais fulgor que o proprio dia.
E das faces e dos labios lentamente
Se derrama um aroma puro e ardente.
Bem como surge a aurora leda e grata
Ou como a lua na agua se retrata:
Desta arte o olhar, cheio d'amor infindo
Entre as louras pestanas vae luzindo,
Bem como a cotovia alegre canta
E o rouxinol suspira em magua tanta;
Desta maneira o seu falar é doce,
Como se acaso maguado fosse.
Como se as auras tranquillias e serenas
Espalham no ar fragrancia d'assucenas.
Desta arte os seus suspiros, revoando
Deitam olor delicioso e brando.
Como enxame d'abelhas que prepara
Os frescos favos d'ambrosia rara:
Deste modo na bocca só lhe coube
Nectar que amor não deixa que se roube,
E também como a rô'a meiga e mansa
D'affagar os filhinhos não se cança:
Desta arte, leve como uma aza d'ave,
Acaricia a sua mão suave.
Ditoso quem te amar, Eva formosa,
Pois nos teus braços brandamente gosa
Doce prazer que nunca se define,
Por mais que nos encante e nos fascine,
E, embora dentro da alma se reserve,
Cada vez mais augmenta na alma, e ferve.

São as notas ternas, são os ions elegiacos os preferidos pelo autor. Elle nos faz lembrar, ao mesmo tempo, Bernardino Ribeiro e Camões, um pela fórma fluida e ingenua, o outro pelo accento amoroso e o vigor poetico.

Na obra poetica de José Albano notam-se distinctamente duas phases: uma em que predomina o seu amor pelas formas antigas da lingua através do culto de Camões, da qual são fructos as **Redondilhas**, a **Allègoria**, a **Cançam a Camoens** e a **Ode á Lingua Portugueza**; e outra, em que a dominante psychologica é a paixão religiosa, a cuja inspiração nasceram a **Comedia Angelica** e os **Sonetos**.

Dessas obras só não vos fiz ainda referencia á **Allegoria**, que é das mais perfeitas e mais valiosas produções do emulo de Camões. A magniloquencia dos seus versos, a textura perfeitamente épica de sua construcção, tão vigorosa quanto a dos "Lusiadas", a segura encenação mythologica, a pureza dos rythmos e da lingua, a formosa idealização da **patria da perpetua Primavera**, emprestam-lhe um raro valor, tornam-n'a sem rival na literatura portugueza contemporanea.

Nesse admiravel poema, conforme declara, o poeta deixa a avena suave pela tuba retumbante, pois, uma nova materia quer cantar:

Quero que pelo mundo se traslade
Nova materia nam cantada outrora
E aos espaços ethereos se levante
Alto clangor de tuba retumbante.

Invoca o auxílio de Camoens, por isso que, tambem canta Lusitanos:

Oiha que eu tambem canto Lusitanos,
Se nam fallece o fogo lá de cima,
Segundos Argonautas sobrehumanos
Que tu já celebraste em verso e rima:
Direi como venceram oceanos
E conquistaram gloria que os sublima
Chegando áquella parte dessa esphera
Que é a patria da perpetua Primavera.

No concílio dos Deuses, Poseidon se levanta e pede castigo para os ousados capitães lusitanos,
Pois que nunca se viu audácia tanta
Nem no moderno tempo nem no antigo.

Porém em meio dos clamores contra os Lusos, surge a deusa dos Amores, **que traz em laços corações e peitos**, e se dirigindo ao Padre Zeus, pede, em vez de castigo, prêmio para aqueles **que vencem o mar em busca só de gl'oria**. E o próprio Zeus **se espanta e maravilha da formosura que lhe mostra a filha**:

Como abêlhas em vôo diligente
Sáem da colmeia, cheia de aureos favos,
De madrugada, quando no Oriente
Eos derrama os seus cabellos flavos:
Pousam aqui e alli suavemente
Em brancas rosas e vermelhos cravos:
Destarte beijos vam subindo em torno
Do collo eburneo, palpitante e morno.

E como pombos, revoando á tarde,
Quando a noite começa e o dia finda,
Descem com a luz do ultimo raio que arde,
Pela celeste altura etherea e linda;
E o doce ninho que os proteja e guarde,
Este acha logo e aquella busca ainda:
Assim de toda parte ao seio brando
Suspiros amorosos vam chegando.

E qual o caminhante no deserto
Que ouve os múrmuros sons d'alguma fruta,
Ou qual o pescador que leva perto
Dos cantos da sereia a barca incauta;
Parece o mundo um paraíso aberto
Ao viajor cansado e ao triste nauta:
Destarte Cytheréa nos fascina,
Erguendo a voz em supplica divina.

E Zeus ouve a supplica da languida Aphrodite, e manda que Hermes oriente o illustre Capitam Luso para as plagas da eterna primavera:

Vai pelo mar azul á verde terra
Tam fertil, tam fecunda e tam formosa,
Em cujo seio a natureza encerra
Tudo o que o coração deseja e gosa;
Em cujo bosque, valle, prado e serra
Corre um perfume de assucena e rosa,
Em cujas grutas, cheias de primores,
Ham-de morar as Musas e os Amores.

Descrevendo a **patria da Primavera**, tem alguns bellos surtos de poesia. **Apreciae** estes lindos versos:

Do alto cáe o jasmin qual nivel estrella,
Em redor a bonina esmalta o prado,
Cresce tambem (note-se o estranho effeito)
Junto do malmequer o amor perfeito

Sente-se que o artista sopra melhor a avena suave do que a tuba retumbante.

Nem por isso deixam de ser atililoquos os novos sons.

Tendo submettido o seu espirito a uma longa e rude disciplina intellectual, estudando os grandes mestres, gregos e latinos, francezes e hespanhoes, allemães e inglezes, portuguezes e italianos, tornou-se José Albano capaz dos maiores commettimentos literarios, e, por isso, vemol-o igualmente triumphante na poesia lyrica como na dramatica e epica. Sem duvida, que elle é principalmente um poeta lyrico, mas na **Comedia Angelica** e na **Allegoria**, elle imprimiu um forte cunho de sua capacidade para esses outros difficeis generos poeticos.

Admirae estas estrophes fortes e bellas com que elle finalisa a Allegoria:

Musas, nam mais! O ultimo som derramo
E já se apaga a flamma em que me alento,
E nam vos peço immarcessivel ramo
Em premio ao immortal atrevimento:

Mas dai-me sempre aquillo que eu mais amo,
Musas, nunca deixeis que viva isento
De branda poesia um peito brando
Que anda os vossos louvores celebrando.

E tu suave cithara sonora
De cujas cordas tiro a melodia,
Ou quando em mim uma saudade mora
Ou quando uma esperança me allivia:
Pende ao meu lado sempre como agora
Em jucundo prazer ou dôr sombria,
Para que eu possa leda ou tristemente
Dizer em verso tudo o que a alma sente.

E vós que van cobiça nam condemna
A uma perpetua, dura e aspera luta,
Mas que ainda seguis Pallas Athena
Ao templo da Arte candida e impolluta,
Vinde commigo á Arcadia doce e amena
Onde continúa musica se escuta,
Vinde passar co'os deuses vossas vidas,
Claros engenhos e almas bem nascidas.

E oiha coraçam meu, vê quanto gosas,
Quando o sublime canto se traslada;
Nascem louros ainda, nascem rosas
Para trazer a fronte coroadá;
E porque Apollo e as Musas sonoras
Tenham sempre na terra uma morada
Sobre columnas doricás levanto
Um novo Pathernon eterno e santo.

Fazendo-vos o elogio de José Albano, não desconheço, entretanto, certos defeitos, de que se reveste a sua obra: um certo artifício rhetorico, o uso repetido de algumas imagens sedições e a pobreza do vocabulario. Propositadamente elle não quiz ultrapassar a Renascença. Depois desse tempo, sob o ponto de vista literario, os seculos não correram para José Albano. Isso, que alguns julgarão um atrazo, sinão uma bizzarria,

para o nosso poeta é um padrão de perfeição e de culminancia artistica. Elle leva o seu capricho ao ponto de não ler os escriptores contemporaneos, do que se gaba.

Essa attitude pode não ser louvavel, mas é francamente original num paiz de literatura arrivista, apressada, superficial, e sempre ajjustada aos ultimos figurinos francezes.

Pelos seus processos artisticos, pelo seu estylo, pela sua inspiração, innegavelmente, não está elle em conformidade com o ambiente literario do paiz. Por isso, parecerá um retardado, um obscuro e nevoento cantor de cousas avelhantadas, um servil imitador de Camões, exprimindo-se em linguagem obsoleta, apesar do vigor do seu privilegiado talento e da superioridade do seu éstro.

Em face da musa moderna, rutilante de adjectivos, inspirada numa esthetica que exige colorido em vez de sentimento, exotismos em vez de harmonia e simplicidade, que requer o raro em vez do natural, medindo sons e pesando syllabas com minucia chinesa, em face dessa musa, a poesia de José Albano é estranha e ridícula, porque elle seguiu o curso dos classicos universaes.

Se outro merito, entretanto, não sobrasse ao nosso inspirado patricio, restava-lhe o valor incontestavel de nos ter feito repetir e recordar a lingua do immortal Camões. Mas atravez da sublime musica camoneana elle nos fez ouvir nova e sentida melodia!